

EQUIDADE

ENEM MAIS DESIGUAL REQUER ATENÇÃO DOS GESTORES

1

» Chances de mais pobres entrarem no ensino superior diminuíram

2

» Estudo mostra que distância entre brancos e negros aumentou

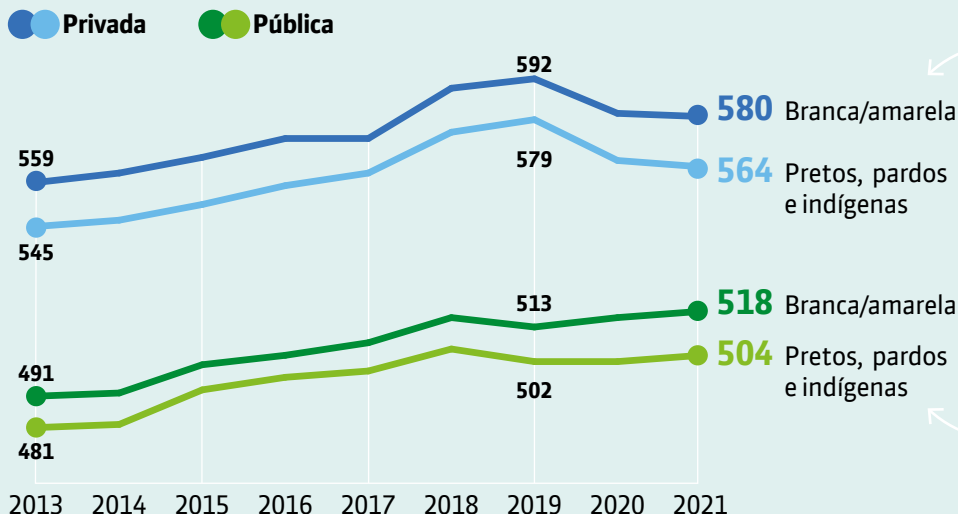
3

» Gestores relatam ações para alunos com maior perda de aprendizagem

A pandemia de Covid não foi só uma catástrofe sanitária. Teve efeitos também na escola, e tornou mais difícil o acesso de alunos em situação de vulnerabilidade social, pretos, pardos e indígenas ao ensino superior. As conclusões são de um estudo apoiado pelo Instituto Unibanco e realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais (LaPOPe) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade (NIED) - ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa analisou o desempenho no Enem dos estudantes de redes públicas e privadas, antes e depois da pandemia, e os resultados mostram que, de modo geral, a desigualdade de desempenho entre a escola pública e a particular se manteve em pata-

DESEMPENHO MÉDIO NO ENEM

2013 a 2021 - por rede, raça e cor



Em 2021, a desigualdade racial subiu para **14 pontos** na rede pública e **16 pontos** na rede privada

OBS.: Média em todas as provas, obtidas através de regressão linear, uma técnica estatística que permite isolar o efeito de uma variável (no caso, cor ou raça) de outras que também influenciam no resultado, como, por exemplo, o nível socioeconômico dos alunos.

Fonte: Relatório Oportunidades educacionais de estudantes concluintes do Ensino Médio - O desempenho médio no Enem entre 2013 e 2021*, Lapope/NIED-UFRJ (Set/2023)

mares elevados. No entanto, quando os fatores racial e social entram na conta, ela inclusive aumenta.

Os pesquisadores Flavio Carvalhaes, Melina Klitzke, Daniel Castro e Tiago Bartholo analisaram os microdados do Censo Escolar e do Enem (Inep/MEC) entre 2013 e 2021. Em estudo anterior, cujos resultados foram abordados na edição 89 do Boletim Aprendizagem em Foco, os pesquisadores já haviam apontado um processo de encolhimento e elitização do Enem, com a redução do número de concluintes do Ensino Médio realizando a prova. Agora, os números de desempenho mostram que não apenas os jovens de baixo nível socioeconômico estão participando menos, como aqueles que efetivamente realizam o exame têm obtido piores resultados.

Dos estudantes concluintes do ensino médio, 28% tiveram notas consideradas “nada competitivas” e 18% médias “muito competitivas”, ou seja, que lhes permitem escolher entre mais cursos e buscar vagas em áreas mais disputadas. Os pesquisadores cruzaram as notas com o nível socioeconômico, o tipo de rede (pública e privada) e o fator racial. Alunos da rede privada e de maior nível socioeconômico estão subrepresentados no grupo de notas “nada competitivas” e sobrerrepresentados no de notas altamente competitivas. Para os alunos mais pobres e vindos da escola pública, vale o contrário.

Cientes do peso do fator étnico-racial como principal fator da desigualdade brasileira (tema da edição anterior deste boletim), os pesquisadores compararam grupos raciais distintos dentro da escola pública e da escola privada. Em 2013, na rede pública, a nota média de brancos/amarelos era 10 pontos acima da de pretos/pardos/indígenas; na rede privada, a diferença era de 14 pontos. Em 2021, a desigualdade subiu para 14 pontos na rede pública e 16 pontos na rede privada.

AÇÃO DE GESTORES DIMINUI DESIGUALDADE

Diante do agravamento do quadro de desigualdade pós-pandemia, o papel da gestão escolar no enfrentamento dessas disparidades tornou-se ainda

mais urgente, com ações focadas em grupos prioritários, e que não devem ficar restritas apenas à preparação para o Enem no último ano. Em resposta a isso, no Espírito Santo, um trabalho contínuo de formação e debates resultou no Proerer (Programa de Educação para Relações Étnico-Raciais), instituído por decreto em maio deste ano pelo governo capixaba.

Ex-gerente de Educação no Campo, Indígena e Quilombola da Secretaria de Educação do Espírito Santo, Valquiria Santos criou e coordenou a Comissão Permanente de Estudos Afrobrasileiros. Um mapeamento dos resultados das escolas mostrou forte disparidade racial, principalmente dentro dos territórios mais vulneráveis, com resultados piores de evasão escolar, abandono e reprovação. Em plena pandemia, a comissão desenhou o programa Raízes, para formação étnico-racial de professores, e produziu materiais para uso em sala de aula.

“Ouvimos a rede, diagnosticamos, olhamos os resultados de aprendizagem, sobretudo dados de equidade racial e desigualdades como um todo. Desenvolvemos uma formação em educação racial para os professores. Fizemos uma frente de trabalho para gestão sobre equidade racial; estruturamos a agenda para o Proerer; chamamos novamente a rede, produzimos um material sobre gestão e depois um material pedagógico de apoio para o currículo, que aponta frentes de trabalho para desenvolver uma prática de redução de desigualdades”, lembra Valquiria.

Os materiais de auxílio ao professor trazem indicações de leitura, orientações sobre como tratar os temas em sala de aula, um glossário e uma lista de expressões racistas a serem evitadas. Todos os conteúdos são de livre acesso ao público e estão disponíveis aqui. Nesse período também foi criada a primeira escola indígena de ensino médio da rede estadual, na aldeia de Caieiras Velha, em Aracruz.

Outro exemplo de ação para reverter desigualdades vem de Porteiras (CE), onde a equipe pedagógica Escola de Ensino Médio Aristarco Cardoso, após dois anos de aulas remotas, percebeu que seria preciso criar estratégias para suprir muito do aprendizado que deveria ter ocorrido naqueles dois anos, com atenção especial aos alunos que estavam em nível crítico ou muito crítico de aprendizagem.

A primeira batalha foi motivar os alunos a participar da avaliação diagnóstica realizada semestralmente em toda a rede estadual, a fim de saber o nível das turmas. Com os resultados em mãos, a escola fez um planejamento e traçou metas. Entre elas, valorizar as conquistas dos que alcançaram nível de aprendizagem desejável, com a entrega de certificados em “momentos solenes” e na presença das famílias, cafés com os professores ou participação em atividades de lazer e cultura, como a ida a um cinema ou ao shopping em Juazeiro do Norte, município de maior porte da região. É o que a coordenadora Gizelia Amaro Ribeiro Ferreira chama de “apropriação dos resultados”, destacando e premiando as vitórias. “A gente começou a valorizar os alunos que estavam subindo de nível, e isso fez com que, na hora da avaliação diagnóstica, os demais alunos se interessassem em fazer a prova de modo bem responsável, pois sabiam que a escola iria valorizar.”

No caso dos estudantes com nível crítico ou muito crítico, os professores foram chamados para fazer um planejamento voltado para aquele grupo. As



“Ouvimos a rede, diagnosticamos, olhamos os resultados de aprendizagem, sobretudo dados de equidade racial e desigualdades como um todo. Desenvolvemos uma formação em educação racial para os professores”

Valquiria Santos, ex-gerente de Educação no Campo, Indígena e Quilombola da Secretaria de Educação do Espírito Santo

aulas eletivas do novo ensino médio foram readaptadas para que funcionassem como um momento de revisão de conteúdos e recomposição de aprendizagem. “Quando a gente tem um grupo de alunos com nível muito crítico em relação à matemática, por exemplo, a eletiva deles é reorganizada de acordo com aqueles conteúdos que eles não apreenderam”, explica Gizelia.

Outro problema cotidiano no grupo dos alunos em situação mais crítica é a evasão escolar. Numa cidade de 17 mil habitantes e economia de base agrícola, às vezes é difícil manter adolescentes no colégio em tempo integral, pois eles precisam trabalhar para ajudar no sustento da família. De olho nos alunos com elevado número de faltas, Gizelia é responsável pela busca ativa: uma vez por mês, percorre o município visitando alunos que não foram à escola nos últimos 30 dias.

Outra dificuldade extra do pós-pandemia foi a saúde mental, abalada por dois anos de isolamento. A escola teve de criar oficinas de acolhimento para lidar com os transtornos relatados. “No começo do ano, o que a gente levava de alunos para o hospital com crise de ansiedade... hoje digo que reduziu 90%. Todos os dias eram quatro, cinco, seis alunos com crises de ansiedade. Alguns conseguíamos atender na escola, com as oficinas de escuta. Mas alguns não conseguiam permanecer em sala depois de dois anos em casa. Foi complexo”, conta Gizelia.

Nesse processo múltiplo, que trabalha ensino, mas também dores, vivências e perspectivas, a escola reforça os estímulos para que os alunos do último ano enxerguem a universidade como um caminho possível. A escola criou um programa de palestras sobre profissões e outro de visitas às universidades públicas e particulares da região; acompanha inscrições do Enem, encaminha pedidos de isenção de taxa e, no dia da prova, garante transporte até o local dos exames, ações comuns na rede estadual do Ceará. Quando os resultados do Enem são divulgados, segue orientando os alunos sobre as chamadas do Sisu. E, no fim de 2022, celebrou em suas redes as vitórias de 11 estudantes que conseguiram a tão sonhada vaga na universidade. O desafio, para todo o sistema educacional brasileiro, é fazer isso em larga escala.



PARA SABER MAIS

- **Oportunidades educacionais de estudantes concluintes do Ensino Médio - O desempenho médio no Enem entre 2013 e 2021** (2023) LaPOpE-UFRJ/NIED-UFRJ/Instituto Unibanco: bit.ly/Relatorio2-Enem
- **Desinteresse pelo Enem demanda ação de escolas**, Boletim Aprendizagem em Foco n. 89 (2023): shorturl.at/avFYZ
- **Oportunidades educacionais de estudantes concluintes do Ensino Médio: um estudo do Enem entre 2013 e 2021**, Tiago Bartholo, Daniel Castro, Melina Klitzke e Flavio Carvalhaes - UFRJ/Instituto Unibanco (2023): bit.ly/pesquisaEnemUFRJ
- **Conheça ações que diminuíram a desigualdade de aprendizagem**, Banco de Soluções (Observatório de Educação – Instituto Unibanco): shorturl.at/jpHJ5

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: <https://bit.ly/BoletimAprendizagemFoco>

Produção editorial: Redação Fernanda da Escóssia; Edição Antônio Gois e Fabiana Hiromi
Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; Edição de arte Fernanda Aoki

